



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRO-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA-PROEAD
PEDAGOGIA PARFOR/CAPES/UEPB**

LUZIANA SALUSTIANO DE ARAÚJO SANTOS

A PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA

**GUARABIRA PB
2014**

LUZIANA SALUSTIANO DE ARAÚJO SANTOS

A PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA

Trabalho Monográfico, Apresentado ao Curso de Pedagogia-PARFOR pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Como Requisito para Obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia. Sob a Orientação da Professora Ms. Luana Lima

GUARABIRA PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S237p Santos, Luziana Salustiano de Araújo

A prática de leitura na sala de aula. / Luziana Salustiano de Araújo Santos. – Guarabira: UEPB, 2014.

53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia-PARFOR) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Ms. Luana Lima.”

1. Leitura. 2. Dificuldade. 3. Aprendizagem. 4. Prática. I. Título.

22.ed. CDD 372.4

LUZIANA SALUSTIANO DE ARAÚJO SANTOS

A PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA

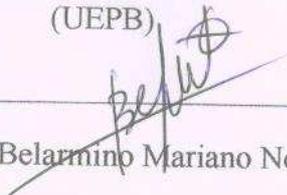
Aprovada em 02 de agosto 2014

COMISSÃO EXAMINADORA



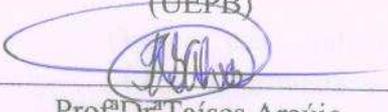
Prof. Ms. Luana Lima

ORIENTADORA
(UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

EXAMINADORA
(UEPB)



Prof. Dr. Taíses Araújo

EXAMINADORA
(UEPB)

GUARABIRA PB

2014

Dedico este trabalho de conclusão de curso (T.C.C.), primeiramente ao meu grandioso Deus que me deu forças para alcançá-lo. E as pessoas mais amadas que sempre me proporcionaram amor, força e coragem para vencer os desafios.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à meu Deus, pelo dom da vida e a oportunidade de ingressar em uma universidade pública.

Aos meus pais: Severino Antônio e Maria da Conceição que me educaram com amor e dedicação.

Ao meu esposo Paulo, obrigado pelo seu amor, força, carinho, paciência e companheirismo.

A minha filha Layza, que por muitas vezes foi privada da minha companhia pelos estudos.

Ao meu irmão Laelson, que durante a minha jornada disponibilizou um pouco do seu tempo para digitar meus trabalhos com paciência e dedicação para, concluí – los com perfeição.

Os meus familiares que acreditou que ia conseguir vencer, em especial meu irmão Luciano.

A minha sobrinha Rayane, que não mediu esforços para fazer minhas pesquisas,

Aos meus professores, que compartilharam conhecimentos, saberes e valores que serão preciosos no decorrer da minha vida profissional e pessoal.

A minha orientadora Luana Lima, pela disponibilidade e disciplina em orientar este trabalho. Minha sincera gratidão!

Ao professor José Otávio, que me ajudou com dedicação compreensão na conclusão deste trabalho. Obrigada!!!

As minhas amigas do curso, pelos laços de amizade em especial: Rosângela, Daniela, Marinete e Lêda.

Em especial minha amiga Rosilanea, pela paciência e disponibilidade de sentar comigo. Obrigada de coração!

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a importância da prática de leitura na sala de aula no processo de ensino – aprendizagem. Visando fazer a análise da prática pedagógica que o educador utiliza em sala de aula. Portanto sabemos que para aprender a ler é preciso praticar a leitura, garantindo ao educando o domínio da mesma, tornando – se capaz de ler com compreensão e de expressar suas ideias. A referida pesquisa apresenta um embasamento teórico de diversos autores e a pesquisa prática realizada em uma escola situada no município de Alagoinha – PB. Busca – se apresentar as diversidades específicas como os aspectos pedagógicos diante das dificuldades na aprendizagem, e como a prática da leitura é levada em consideração no início do processo de aprendizagem. A importância de detectar os transtornos que dificultam o processo de aquisição da leitura e como a formação do educador facilita com que esses transtornos sejam percebidos precocemente para um melhor desempenho, melhorando suas condições de ensino e aprendizagem.

Palavras chaves: Leitura, Dificuldade, Aprendizagem, Prática.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the importance of reading practice in the classroom in the teaching - learning process. Aiming to make the analysis of pedagogic practice that the teacher uses in aula. Portanto room know that learning to read takes practice reading, ensuring student mastery of the same, making - is able to read with understanding and to express their ideas . Such research presents a theoretical framework of various authors and practice survey in a school located in Alagoinha-PB. Busca - have specific diversities as on the pedagogical aspects of learning difficulties, and how the practice of reading is taken into account early in the aprendizagem. A importance of detecting disorders that hinder the process of reading acquisition and how the teacher education process makes it easy for these disorders are perceived early for best performance by improving their conditions of teaching and learning.

Key Words: Reading Difficulties, Learning, Practice

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	08
2. A PRÁTICA DA LEITURA EM SALA DE AULA – PRINCIPAIS FATORES.....	11
2.1 - A Importância da Leitura no Cotidiano da Criança.....	15
2.2 - O Papel do Psicopedagogo Mediante Alfabetização e O Letramento na Formação de Leitores.....	19
2.3 - Leitura: Hábito ou Gosto?.....	23
3. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	26
3.1 - Tipos de Leitores	31
3.2 - Tipos de Leituras.....	34
3.3 - Estratégias de Leituras.....	36
3.4 - As Práticas de Leituras na Sala de Aula.....	39
3.3 - Dificuldades de Aprendizagem.....	41
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
4.1 - Escola Campo No Município De Alagoinha – Pb: Identificação do Campo da Pesquisa.....	46
4.2 - Caracterização e Estrutura Física da Escola Municipal Carlos Martins Beltrão.....	47
4.3 – Procedimentos.....	47
4.4 - Análise de Dados.....	48
5 – RESULTADOS e DISCUSÕES.....	51
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Reconhecendo a importância da leitura através deste, apresentar alguns direcionamentos voltados ao estímulo da capacidade do aluno a desenvolver a prática de leitura, temos como objetivos apresentar alguns pontos principais.

É importante que nos seus primeiros anos escolar é essencial que o educador estimule à prática de leitura na sala de aula, assim o aluno poderá desenvolver o hábito a leitura.

A escola é um campo privilegiado para o bom desenvolvimento da aprendizagem do aluno, pois através dela haverá novas descobertas e surgirão novos conhecimentos abrindo perspectivas para o futuro.

De acordo com o que presenciamos na realidade as escolas em sua grande maioria estão vivendo um momento crítico, principalmente no que se refere à questão da leitura em sala de aula. A triste realidade no nosso país é que essa dificuldade tem se expandido a cada dia, devido a vários fatores, tornando-se um grande obstáculo à prática pedagógica dos educadores, que perplexos com o grande número de alunos que não obtêm êxito no processo de aprendizagem da leitura não sabem como conter o avanço a este problema e, além disso, não dispõe de meios que identifique suas possíveis causas.

Realmente, percebe-se que ajudar o discente a superar as suas dificuldades em sala de aula e na escola, tornou-se um verdadeiro desafio para o ensino atual, tanto nas instituições de âmbito público, como privado e merece uma séria reflexão devido à expansão da cobrança da sociedade em relação aos professores em sua práxis pedagógica e em seu cotidiano escolar. Embora, perceba-se que há poucos estudos e pesquisas feitas dedicadas exclusivamente a esta problemática, infelizmente, sempre é possível presenciar situações em que muitos professores, tomam atitudes no mínimo pedagogicamente questionáveis fazendo imposições sem fundamento.

Ao optar-se pela pesquisa exploratória em campo, enquanto recurso metodológico utilizado para pesquisar o porquê das dificuldades de aprendizagem, em especial a leitura, no cotidiano da Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, utilizou-se como instrumento de pesquisa questionários organizados com perguntas abertas, destinadas aos profissionais da escola, esperando obter informações da realidade investigada e responder aos nossos questionamentos.

Nesse sentido, procurou-se mostrar com esse estudo o que é preciso se fazer para que haja uma atitude responsável, integrada e consciente no que se refere à prática de leitura em sala de aula e para que existam mudanças de idéias e práticas efetivas e eficientes dos professores, tanto os pesquisando, quanto os que possam vir a entrar em contato com esse material, no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar referindo-se em especial à leitura.

A análise presente teve como objetivo principal identificar as principais representações das dificuldades de aprendizagem e dando ênfase ao problema da leitura e como a escola e profissionais da educação estão identificando os casos e causas em seu cotidiano, bem como seus procedimentos utilizados para superá-las.

As dificuldades têm sido intensamente vivenciadas nas escolas, e não apenas na escola pesquisada, representando atualmente uma fonte de preocupação para todos os envolvidos no processo educacional, principalmente quando os problemas relacionados à leitura trazem conseqüências como repetência e, conseqüentemente, a evasão escolar do aluno que é afetado por este problema. Mas, além de constituir-se um dos maiores problemas das escolas, e não apenas da Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, essas dificuldades vêm demonstrar a necessidade urgente de mudança de foco pedagógico e institucional dentro das escolas, de um modo geral.

Dividiu-se a presente pesquisa em etapas claramente definidas, buscando uma facilitação, tanto do entendimento, quanto da apuração dos fatores determinantes e causadores da dificuldade de leitura. Inicialmente, buscou-se através de uma revisão bibliográfica demonstrar os principais conceitos, pontos de vista, fatores relevantes sobre o problema, bem como o papel do psicopedagogo para evitar que esses problemas tornem-se fatores desencadeantes do fracasso escolar e algumas reflexões pessoais foram acrescentadas a estes aspectos aqui abordados.

Após a revisão bibliográfica, houve a caracterização da escola, que representou o campo do estudo e da população utilizada como amostra para a realização da pesquisa de campo, onde se finalizou com uma apresentação e interpretação dos dados obtidos junto aos entrevistados, para comprovar-se, se a dificuldade de aprendizagem na leitura é um fator gerador de deficiências no processo ensino-aprendizagem, tornando-se um forte fator de exclusão escolar ou

apenas uma dificuldade passageira que pode ser superada com a metodologia adequada e o comprometimento de todos.

2. A PRÁTICA DA LEITURA EM SALA DE AULA – PRINCIPAIS FATORES

Como afirma Martins (1994, p. 34), “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmos sem ser ensinados.”

Diante desta afirmação, vimos que aprender a ler é dar sentido e compreender ao que e a quem nos cerca. É um aprendizado simples e ao mesmo tempo complexo, porque nos confronta com o mundo. Vemos que:

A Leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe, sobre a língua: características do gênero, do portador do sistema da escrita, etc. (BRASIL, 1997, p. 53)

Portanto, a Leitura só desperta interesse quando interage com o leitor, quando faz sentido e traz opiniões que se articulam com as informações que já se têm, ou seja, o leitor tem que ter conhecimento do mundo. Muitas vezes na leitura sentimos a presença da interação do leitor/autor via texto, onde o autor fornece pistas para uma melhor compreensão das ideias contidas no mesmo.

A leitura possui múltiplos significados e valores na nossa cultura. Ler pode significar desde atribuir sentido, numa acepção mais ampla, até a simples decodificação.

Para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

O ato de Ler é um processo abrangente e complexo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com outro pela mediação da palavra.

Enfim, ler é um processo de identificação, onde a individualidade do leitor determinará a compreensão, o interesse e o gosto pela leitura. É adentrar outros mundos possíveis. É questionar para a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita.

Para Lajolo (1982, p. 59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir

relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia, e dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Não trata-se de trair a opinião da autora citada se dissermos que a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto, é o encontro com o autor ausente, que se dá pela sua palavra escrita. Como o leitor, nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações, “o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis”. (AUTHIER-REVUZ, J. 1982, p. 104)

A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece resultado do próprio texto em si, produzido em condições específicas, mas sim um resultado dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, têm-se novas leituras e novos sentidos por elas produzidos.

Refletindo em torno do ato de ler, constatamos que ler é uma atividade complexa por exigir do leitor uma competência que se sobrepõe à simples articulação e decodificação de palavras ou de frases escritas (BORGES, 1998).

Neste sentido, conforme nos informa Freire (2001, p. 16) que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim ler o mundo é, muito vezes, também, ler o não-verbal.

O ato de ler é um processo dinâmico, já iniciado a partir da consciência do universo bio-sócio-cultural. A primeira decodificação que o leitor faz, portanto, é a de sua realidade. Assim, a produção de sentido não esta restrita às linhas do texto e a intenção do emissor, em razão de que o leitor participa deste processo, na medida em que, lendo, contribui com a construção do sentido, se projetar no texto sua experiência de vida, a lingüística e a extralingüística.

A leitura que, em geral, a escola propõe é limitada, mecânica, padronizada. Leva-se em consideração, apenas os elementos de identificação, não atingindo os demais níveis também responsáveis pela produção de sentido. Costuma-se apontar esta virtude como um ato de autoritarismo, desvinculado da realidade do educando.

A leitura, assim, não é fonte de prazer. Falta-lhe, sobretudo, o senso crítico. Ela está, pois, justamente, no lado oposto ao que pensa, sobre isto, o escritor Ivan Ângelo, quando nos diz que:

Ler é um ato libertador. Quanto mais vontade consciente de liberdade, maior o índice de leitura. Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, saber dizer o que quer, é menos manobrável. Não falo apenas da liberdade de escolher governos ou sistemas de trabalho, mas também a de influir corretamente na vida comum (ÂNGELO, In: SILVA, 1998, p. 26).

Diante dessas reflexões, entende-se que o ato de ler deve ser um ato pleno, capaz de envolver habilidades que permitirão ao leitor uma nova postura diante da compreensão da sociedade com o um todo e diante de si mesmo.

Foucambert (1994) traz uma grande contribuição para a compreensão do ensino da leitura. Observe-se que:

Na fase do aprendizado, o meio deve proporcionar a criança toda a ajuda para utilizar textos para adaptá-los as possibilidades atuais do aprendiz. Não se aprende primeiro a ler palavras, mas adiante textos dos quais se precisa (FOUCAMBERT, 1994, p. 126).

Nesta perspectiva, aprende-se a ler com a leitura constante, mas os caminhos não parecem ser os mesmos para todas as crianças. Portanto, o trabalho do professor é o de proporcionar e discutir possibilidades de leitura que levem os alunos a pensar, a interrogar, a discordar e a concordar.

Uma possibilidade que beneficiaria a leitura na escola seria a diversificação de atividades em torno dos textos lidos, levando-se em conta o desenvolvimento do aluno em suas estratégias cognitivas e metacognitivas através da leitura, com o fim de que o aluno pudesse a partir daí “reconstruir a informação mediante a utilização do conhecimento (...) e reestruturar o conhecimento prévio graças à novas informações” (KLEIMAN, apud MATÊNCIO, 2002, p. 48)

Tal informativa sugere que a escola deve promover várias práticas de leituras, de acordo com os conhecimentos prévios do aluno, levando-os assim a serem capazes de ler e compreender, mesmo que haja a ajuda de alguém.

Para Matêncio (1994, p. 40):

O desenvolvimento de atividade de leitura implica, como já foi amplamente veiculado, a construção de hipóteses que, baseadas em indícios e informações sobre o que se procura obter do texto, auxiliarão sua compreensão. Ao longo da leitura, o leitor possui um grau de previsibilidade sobre o encaminhamento que será dado ao texto, fundamentado tanto em seu conhecimento de textos e de mundo como nas informações fornecidas pelo texto que esta sendo lido.

De acordo com a posição ética da autora supracitada, toda atividade de leitura deve partir da compreensão do texto. Diante disto o leitor deve ter conhecimento de mundo e compreender os diferentes textos com os quais se defrontam.

Em oposição à visão de leitura como “busca de significado”, Matêncio (1994 p. 41) propõe a concepção de leitura como “construção de significado”. Nesse caso, a escolha de textos e atividades a serem trabalhadas deve levar em conta uma seleção de textos; deve-se basear-se no grau de dificuldade gramatical e lexical; assim como na capacidade de compreensão dos alunos dos dados explícitos e implícitos dos textos; as atividades de leitura devem enfatizar a dialogia textual, o aluno deve ser um participante ativo dessa interação, fundamentando-se tanto nas pistas textuais como em sua visão de mundo, a produção de texto deve levar ao aluno a desenvolver com eficiência seus usos lingüísticos.

Segundo Brasil (1997), uma prática constante de leitura na escola pressupõe-se o trabalho com uma diversidade de objetos, modalidades e textos, que caracterizem as práticas da leitura de fato. Diferentes objetivos, exigem diferentes textos, e cada qual: por sua vez, exige um tipo de específico, uma modalidade de leitura.

Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão e que requerem enorme esforço intelectual e, a despeito disso, dão vontade de ler sem parar, em outros o esforço é mínimo e, mesmo assim, dá vontade de deixá-los para depois. Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolverem-se muito mais do que a capacidade de ler, o gosto pela leitura é um compromisso com ela – a escola precisa mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço.

Diante disso, os alunos devem ver na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de dar autonomia e independência. E devem estar confiantes, condições para enfrentar o desafio de “aprender fazendo”. “Uma prática de leitura que não desperte nem cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente” (BRASIL, 1997, p. 58).

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leituras – que não se restrinjam apenas, aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais

impressos são aspectos determinantes para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando apenas que leiam durante em sala de aula, nos livros didáticos, apenas porque o professor pede. A mais importante estratégia didática para a prática de leitura é o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se até ensinar a ler, mas certamente não estarão se formando leitores competentes.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO DA CRIANÇA

Como afirma Mizukami (1986 p. 27): “a educação está intimamente ligada a transmissão cultural”, assim, vê-se que a escola transmite a cultura, e que esta não deve ser um produto acabado, mas contínuo, sendo uma forma de interação no mundo.

Vê-se que, dessa forma, a leitura é indispensável à vida em sociedade. O sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade e a ascensão social, bem como a autonomia do cidadão, depende em grande parte, da capacidade de leitura (BORGES, 1998, p. 87).

Por isso, deve-se considerar que a leitura é objeto inseparável da compreensão. precisa-se que os professores compreendam que a criança deve ler com significado, para então aprender muitas coisas que estão lendo. entendendo-se assim que: “...cabe questionar se a escola tem considerado o papel da intencionalidade na leitura ou se diferentes têm sido apresentados aos leitores aprendizes com uniformidade de objetivos” (BORGES, 1998, p. 42).

O professor deve ser um intermediador/estimulador na construção do conhecimento, onde a leitura é parte essencial, do empenho, da perseverança, da dedicação, para que o aluno com seu desenvolvimento cognitivo da aprendizagem. Deve acontecer uma relação horizontal entre o professor e o aluno para maior construção de conhecimentos.

O PCN's da Língua Portuguesa, afirmam que:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem é, necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do

seu ponto de vista, aos objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa de aprendizagem deve preservar sua natureza a sua complexidade, de combinação entre eles (BRASIL, 1997, p. 54).

Portanto, isso significa trabalhar com a diversidade de objetos e modalidades que caracterizam a leitura.

Sabendo-se que o aluno é um ser social, sujeito da educação, ele interage com o meio, transformando-se e transformado-o, falta em nossas escolas, um tipo de leitura que satisfaça a pluralidade cultural em que essas crianças estão inseridas onde as mesmas se vejam retratadas e vejam seu mundo retratado.

Assim, assumindo a realidade e a percepção da realidade, é preciso permitir que a criança levante hipótese com bases nos indícios dos diferentes portadores de textos. Para isso, deve-se pois, “(...) favorecer a construção do sentido através da utilização dos seus conhecimentos prévios (lingüísticos e de mundo). Organizar situações de discussão do conteúdo após a sua leitura (...)” (BORGES, 1998, p. 77).

A hipótese de que ler nem sempre é agradável, seja pelo conteúdo, pela forma de texto, momento pessoal, interesses que nos motivam, etc, não deve ser motivo para que não haja esforço na sua formação. Pois, agradável ou não, prazerosa ou não, é necessária e indispensável quando se volta à aprendizagem (na escola ou fora dela), porém, para que esse processo aconteça de modo satisfatório professor deve ser estimulador, dinâmico, para que esse hábito de leitura seja também satisfatório e prazeroso.

A leitura é uma das maneiras que a escola tem para contribuir com a diminuição da injustiça social, desde que, ela forneça a todos as oportunidades para o acesso ao saber acumulado pela sociedade. Assim, enquanto atividade social, a leitura compete a todos os professores, porque eles são o modelo de leitores da área profissional a qual estão envolvidos.

É contraditório e descontextualizado o professor exigir que seu aluno leia se ele muitas vezes não ler e até pior, não gosta de ler. O professor passa a ser o modelo, porque já é membro do grupo sócio/profissional que pratica a leitura como ele gostaria que o aluno lesse, para desenvolver as competências no uso da linguagem.

“O modelo de leitor oferecido pelo professor e as atividades propostas para o ensino e aprendizagem da leitura não são um luxo, mas uma necessidade”. (SOLE,

1998. p. 172). Assim, percebe-se que o professor precisa ser um bom leitor para que desperte em seus alunos o gosto pela atividade da leitura. Precisar fazê-los achar que ela é algo interessante e desafiador, algo que, uma vez conquistada lhe dará autonomia e independência.

O modelo de leitor e o despertar para o gosto da leitura devem apresentar-se como projeto comum, e tarefa de educadores e educandos, a educação e leitura devem ser vivenciadas como “uma prática concreta de libertação e de construção...” (SEVERINO, 1982, In: FREIRE, 2002 p. 8), da vivência no cotidiano de ambos. Desse modo é necessário que o professor entenda que a leitura é importante na escola, uma vez que é necessária fora dela.

Como afirma Kleiman (1999 p. 90), “as sociedades altamente tecnologizadas precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independente e para isso o cidadão precisa ler”. O contexto social exige cada vez mais do cidadão, então ele precisa acompanhar tais transformações e um dos meios que o conduzirá é a leitura. Ele precisa ler para obter uma informação de caráter geral; ler para aprender um pouco mais e até mesmo para ampliar os conhecimentos que dispõe; por prazer, sendo uma questão pessoal; para comunicar algo; para verificar algum propósito, pois é preciso ler com alguma intenção e a atividade de leitura sempre esta relacionada a algum desígnio; entre muitos outros interesses que o leitor encontrará em seu cotidiano.

Borges (1998, p. 76), ao comentar sobre a formação do leitor ressalta que:

Sabe-se, hoje, do peso desempenhado pelas experiências extras escolares, principalmente no seio da família, em relação à formação do interesse pela leitura. Entretanto, a preocupação da escola deverá estar principalmente voltada para a grande maioria de crianças brasileiras, em cujos lares não se vivenciam rotineiramente atos de leitura e de escrita, de forma intensa e significativa, a ponto de levar uma motivação intrínseca para essas atividades.

Tal afirmativa sugere, de imediato o questionamento acerca do papel que a escola esta desenvolvendo quanto à leitura. Para que os alunos envolvam em atividades de leitura é preciso que sintam ser capazes de ler e compreender, mesmo que seja com ajuda de alguém- pais professores, amigos, etc, que lhes expressem experiência e independência ou de forma autônoma Weiss (apud SOLE, 1998, p. 71) ressalta que, “facilitar o acesso ao código às crianças e facilitar-lhe estratégias autônomas de exploração do universo escrito”. Para isto, se faz necessário que as

crianças e os professores estejam, motivados para aprender e ensinar a ler. É muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-la aos demais; portanto, o acesso à leitura deve se inserir sempre em contextos com significado para as crianças.

Nesse sentido, Solé (1998, p. 44) afirma que: “(...) ler é compreender e que compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que, demos compreender”. Quando a leitura envolve a compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente.

Da mesma forma que aprendemos a falar, falando e escrever, escrevendo, “é lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro, para se poder ler depois...” (JOLIBERT, 1994, p. 56). Não se lê apenas para aprender a ler, lê-se sempre com um interesse, seja ele mediato ou não. O meio social, a vida cotidiana está rodeada de diferentes formas de leitura.

Promover situações de leituras que sejam significativas, que tenham sentido, despertará o interesse pela leitura nos jovens leitores; com contrapartida surge o hábito de ler naturalmente.

É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos, folheiem livros, revistas, álbuns, jornais, etc, com eles; “(...) ler naturalmente com os filhos tudo o que faz parte da vida familiar corresponde a uma necessidade...” (op. cit. p. 129).

Ensinar o gosto pela leitura em casa é tornar os filhos mais inteligentes, perspicazes e criativos. Nesse contexto, o acesso ao código deve se inserir sempre em momentos significativos para as crianças.

Quanto ao ensino, é importante considerar, que apesar das crianças possuírem inúmeros e relevantes conhecimentos sobre escrita e leitura “o tipo de instrução que receberam influenciará os tipos de habilidade que poderão adquirir” (SOLÉ, 1998, p. 59).

Borges (1998) comenta que a relação básica existente entre o pensamento e a linguagem escrita supõe que a compreensão seja a base da leitura e não apenas uma consequência desta, e que neste ensejo, o leitor torna-se dinâmico, criativo, partindo da leitura do texto que com ele interage.

Também é importante e interessante que o aluno vincule os textos didáticos à realidade sócio-cultural destes, como método de estimular a aprendizagem e o gosto

pela leitura. E que para este saber esteja ligado à satisfação, não requer apenas ensinar a ler, é preciso que se crie o hábito de leitura.

As crianças aprendem a ler participando de atividades que envolvam a leitura, junto a pessoas que dominam essa prática. É difícil uma criança aprender a ler quando se espera dela o fracasso, como também, se a leitura não lhe apontar finalidade.

2.2 O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO MEDIANTE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O estímulo à leitura tem sido objeto de preocupação constante no cotidiano escolar, alvo de inúmeros programas governamentais, além de alavancar do segmento do mercado editorial que tem razoavelmente crescido devido a esses estímulos nos últimos anos: o da literatura infanto-juvenil.

A verdade incontestável é que o ato de ler é fundamental na formação acadêmica do aluno; e que considerável parcela de responsabilidade no desenvolvimento das habilidades de leitura recai sobre a escola. Mas igualmente incontestável é a constatação de que a escola, muitas vezes tem falhado nesta tarefa.

A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para a inclusão do sujeito numa cultura letrada. Neste sentido, o ato de ler ultrapassa, num primeiro patamar, habilidades de simples decodificação; num segundo, a capacidade de atribuir sentido ao que foi decodificado; e ancorar, finalmente, na habilidade de compreender o que nos chega por meio das informações colhidas, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas. Sob tal ponto de vista, o domínio das habilidades específicas da leitura se traduz como um aos atributos que evitam a evasão escolar, oferece ao sujeito melhores chances no mercado profissional e permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. Dentro desses parâmetros temos a questão da formação em sala de aula, em especial, a questão da formação e do letramento.

A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura, a codificação através da escrita e decodificação através da leitura; em suma, em seu sentido mais restrito, alfabetizar-se é aprender a ler e a escrever.

O termo *letramento* é o uso das práticas sociais da leitura e da escrita e difundiu-se rapidamente no meio acadêmico; porém, anteriormente, transitou pela mídia e nas escolas na tentativa de produzir algum sentido para além do termo alfabetização, que já não era suficiente para explicar o processo de aquisição do código escrito.

Logo, alfabetização e letramento são processos distintos, embora possam e devam caminhar simultaneamente. Segundo entendimento de Soares (2002, p. 56): "a questão é alfabetizar letrando, ensinar a criança a ler e escrever por meio das práticas sociais de leitura e escrita".

Nas escolas pesquisadas, ora o trabalho pedagógico era pautado nos conceitos de alfabetização, restringindo-a em codificação e decodificação do código escrito; ora era balizado no conceito de letramento, propondo atividades de usos sociais do código escrito.

Na tentativa de classificar as atividades ministradas nas salas de aula e nas salas de reforço escolar para os alunos com dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da língua escrita, em atividades de alfabetização e atividades de letramento, tomamos como referência Soares (2004) que divide atividades de ensino da língua escrita no Brasil, anterior e posterior aos anos 80.

Segundo a autora "[...] até os anos 80, o objetivo maior era a alfabetização (...), isto é, enfatizava-se fundamentalmente a aprendizagem do sistema convencional da escrita."(SOARES, 2004, p. 185)

A autora supracitada continua dizendo que a partir dos anos 80 o construtivismo trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização, porque alterou fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita.

Percebe-se que a autora está se referindo ao conceito de letramento. Porém nos alerta que tanto a alfabetização quanto o letramento estão sendo utilizados separadamente, desvinculados um do outro. O objetivo maior é relacioná-los como processos distintos, porém indissociáveis.

As atividades de alfabetização são aquelas de descoberta e automação do sistema alfabético de escrita, relacionando a automatização das relações grafemas fonemas, ou seja, relacionadas à aquisição da base alfabética. E as atividades de letramento são aquelas onde existe uma interação com o material escrito, lendo e

escrevendo diferentes gêneros em variados suportes, para diferentes interlocutores, isto é, uma preocupação com os usos sociais da leitura e da escrita.

Logo, alfabetização e letramento apresentam objetos de conhecimento distintos e, por conseguinte, os processos cognitivos de cada um se tornam diferentes. Alfabetização e letramento são processos que devem ser indissociáveis, como já dito anteriormente. A alfabetização deve ocorrer em meio à utilização de variados suportes e gêneros de escrita, assim como para diversos interlocutores, ou seja, o aluno deve apropriar-se do código escrito mantendo-se em constante contato com ele em práticas reais do dia-a-dia.

Já de acordo com Blin (2005) sem subestimar o efeito de fatores externos à escola, variadas pesquisas sobre a eficácia do ensino têm demonstrado a influência dos professores e da maneira como conduzem a ação pedagógica, não somente sobre a forma como se dá a aprendizagem dos alunos, mas também sobre o modo com que se comportam em aula. "O conhecimento dos processos associados ao ato de aprender e uma prática didática capaz de facilitá-los pode minimizar grande parte dos problemas e dos rótulos colocados nos alunos com "dificuldades de aprendizagem".

Segundo Perrenoud (2001) pode-se duvidar que, mesmo em uma classe tradicional em que se pratica o ensino frontal, que o professor se dirija constantemente a todos os alunos, que cada um deles receba a mesma orientação, as mesmas tarefas, os mesmos recursos. E, coloca três motivos para isto:

O professor interage seletivamente com os alunos e, por isso, alguns têm, mais que outros, a experiência de serem ouvidos ou questionados, felicitados ou repreendidos. Pergunta ele: quanto à comunicação não verbal, como ela poderia ser padronizada? Mesmo nessas classes tradicionais, muitas vezes o trabalho é realizado em grupos, e o professor circula como um recurso para atender os alunos. A diversidade dos ritmos de trabalho pode levar ao enriquecimento ou ao empobrecimento das tarefas. Assim, sempre há aqueles que terminam primeiro e têm tempo para brincar, ler, enquanto outros demoram para terminar e é preciso esperá-los. (PERRENOUD, 2001, 27)

Coloca ainda o autor: "Se considerarmos o currículo real como uma série de experiências, chegaremos, grosso modo, a uma conclusão evidente: o currículo real é personalizado, dois indivíduos nunca seguem exatamente o mesmo percurso educativo, mesmo se permanecerem de mãos dadas durante anos". (IDEM, IBIDEM)

O que Perrenoud (2001), deixa claro é que individualização de itinerários

educativos é possível para os professores, pois ao invés de uma individualização deixada ao acaso, "pode ser feita uma individualização deliberada e pertinente dos percursos educativos às diferentes características, às possibilidades, aos projetos e às necessidades diferentes dos indivíduos". (obra citada)

Alunos que reprovam vários anos na mesma série são mais comuns do que se pode imaginar. Essas crianças sentem que a escola não foi feita para eles e se evadem. Segundo Freire (1999, p.35), "os alunos não se evadem da escola, a escola é que os expulsam". Quem realmente falhou? O aluno ou a escola? Esses alunos reprovados retomarão no ano seguinte?

Uma criança curiosa que está descobrindo o mundo e suas possibilidades não progrediu nada em um ano, dois ou três... Isto nos faz questionar o atual sistema de ensino, pois, parece-nos que busca uma produção em série e com isso apenas evidencia as diferenças sem nada fazer por elas.

É importante considerar que a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, e que seja oportunizado a ele demonstrar suas reais potencialidades. A escola tem valorizado apenas o conhecimento verbal e matemático, deixando de fora tantos conhecimentos importantes para sociedade.

O sentimento de pertença deve ser estimulado, alguém acuado, jamais vai demonstrar as potencialidades que possui. Tornando o ambiente escolar acolhedor, aceitando a criança como ela é oferecendo meios para que se desenvolva, já é uma garantia de dar certo o trabalho em sala de aula.

É necessário que os profissionais da educação adotem uma postura ética em relação ao aluno, que assim como eles convivem em uma sociedade excludente. Portanto, diversificar as situações de aprendizagem é adaptá-las às especificidades dos alunos, é tentar responder ao problema didático da heterogeneidade das aprendizagens, que muitas vezes é rotulada de dificuldades de aprendizagens. O aluno deve ter um atendimento individualizado por parte do professor que deve evitar:

- ✓ Ressaltar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais;
- ✓ Mostrar impaciência com a dificuldade expressada pela criança ou interrompê-la várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ela quer dizer completando sua fala;
- ✓ Corrigir o aluno freqüentemente diante da turma, para não o expor;
- ✓ Ignorar a criança em sua dificuldade.

Um psicopedagogo pode ajudar a elevar sua auto-estima, ajudando o professor a encontrar técnicas que vão de encontro ao aluno, valorizando suas atividades, descobrindo qual o seu processo de aprendizagem através de instrumentos que ajudarão em seu entendimento. Os jogos irão ajudar na seriação, classificação, habilidades psicomotoras, habilidades espaciais, contagem. O uso do computador é bastante útil, por se tratar de um objeto de interesse da criança.

Partindo da realidade plenamente constatada que todos os alunos são diferentes, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, interesses, ritmos evolutivos, estilos de aprendizagem, situações ambientais, etc., e entendendo que todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas contextuais e relativas, é necessário colocar o acento no próprio processo de interação ensino/aprendizagem.

Sabemos que este é um processo complexo em que estão incluídas inúmeras variáveis: aluno, professor, concepção e organização curricular, metodologias, estratégias, recursos. Mas, a aprendizagem do aluno não é somente dele, e sim do grau em que a ajuda do professor esteja ajustada ao nível que o aluno apresenta em cada tarefa de aprendizagem. Se o ajuste depende entre professor e aprendizagem do aluno for apropriada, o aluno aprenderá e apresentará progressos, qualquer que seja o seu nível.

É óbvia a grande dificuldade que os professores sentem quando se deparam com alunos que se lhes apresenta como com "dificuldades de aprendizagem". É nesse ponto onde nos perguntamos se estas dificuldades são de ensino ou de aprendizagem. Ambas estão juntas, é difícil dizer qual das duas tem mais peso.

O que acontece quando o docente se esquece que a escola é um universo heterogêneo, tal como a sociedade? Devemos ter em mente que nem todos aprendem da mesma maneira, que cada um aprende a seu ritmo e em seu nível. Precisamos criar novos contextos que se adaptem às individualidades dos alunos, partindo do que cada um sabe de suas potencialidades e não de suas dificuldades.

2.3 LEITURA: HÁBITO OU GOSTO?

Hoje não se pode admitir que as habilidades referentes à leitura estejam atreladas apenas as necessidades de determinados setores produtivos, voltados

para atividades intelectuais. Mesmo em empresas cujos recursos humanos necessitem de níveis de escolarização relativamente baixos, habilidades de leitura bem desenvolvidas tornam-se um diferencial, na medida em que só o fato de conseguir compreender bem um manual de instruções pode evitar a paralisação, ou pela espera de um conserto que poderia ter sido facilmente realizado pelo próprio funcionário, por vezes com um único comando.

Assim, o próprio mercado de trabalho passou a valorizar muito mais aquele que se desenvolvem habilidades cognitivas – e, em conseqüência, estão mais aptos a se adaptarem a realidades diferenciadas – porque consegue apreender o novo, com menor número de informações sobre determinado assunto, na medida em que tais informações se podem tornar rapidamente obsoletas. Assim, mesmo lidando com o segundo patamar – o da compreensão pura e simples do que foi lido – há que se admitir que a dinâmica tanto da vida escolar e quanto da profissional depende do letramento, de habilidades relacionadas à capacidade de encontrar significados e de proceder a relação entre fatos e dados. É bastante comum, inclusive, que professores das mais diferentes áreas atribuam o fracasso dos alunos em sua disciplina ao fato de “não saberem ler”. Portanto, dificuldades de compreensão afetam diretamente seu desempenho, não só no que diz respeito a linguagem, mas em todas as áreas do conhecimento e durante toda sua escolaridade.

Não seria demais considerar dever da escola criação de situações que façam com que a leitura se incorpore à vida do indivíduo. E neste ponto sobressai a indagação: queremos o aluno que lê, obedientemente, o livro de leitura extraclasse bimestral, ou queremos um leitor para toda a vida? Pode-se formular esta indagação, ainda, de outra maneira: para a formação integral do leitor, o que importa é criar o hábito ou a gosto pela leitura?

Embora de modo geral, não se faça distinção entre hábito de leitura e gosto pela leitura, ao menos no que diz respeito à formação do leitor, a própria dinâmica do trabalho com a leitura justifica essa diferenciação.

No entanto, assim que abandona os brancos escolares, seja em que nível for, muitas vezes até após o término de um concurso superior, não é raro encontrarmos pessoas que jamais se interessam em ler sequer o jornal, contentando-se com a notícia pronta e mastigada, veiculada pela mídia eletrônica; pessoas que passam anos a fio sem tocar em um só livro, a não ser por rigorosa exigência profissional – e neste momento a leitura ainda é enfadonha e a elaboração de um sentido para o

que se leu se transforma, muitas vezes, num obstáculo quase intransponível. “É raríssimo um autor brasileiro entrar na lista os best-sellers. Acontece que a crise brasileira não é de escritores, e sim de leitores”. (MACHADO, 1995 p. 51).

Observando os adultos que nos cercam, inseridos no mercado de trabalho ou nas universidades, perguntamo-nos, então, em que canto de sala de aula ficou perdido aquele hábito. Se a constatação é verdadeira, como cremos, disposição duradoura, que caracteriza o hábito, por algum mecanismo acaba não sendo apreendida na escola; ou melhor, quando existe, geralmente não foi a escola que a criou. Assim, em termos de leitura, os anos de escolarização regular são capazes de criar um hábito que a criou. Assim, em termos de leitura perspectiva de algo que precisa de leitura perspectiva de algo que precisar ser feito, como uma obrigação a ser cumprida, pois dele depende todo o desempenho no cumprimento das etapas de escolarização preestabelecidas, desaparecendo tão logo desaparece sua necessidade.

3. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A maior parte dos conhecimentos humanos é obtida por intermédio da leitura, por isso é preciso ler muito, continuamente e com regularidade, pois ler constantemente significa acúmulo de conhecimentos.

A leitura transforma o leitor em um cidadão consciente, ao lermos um texto nos deparamos com diferentes informações que interagem com o mundo que nos cerca. A leitura do mundo procede à leitura do texto para fraseando Freire (1983, p 22).

Fazendo parte da rotina diária da criança, à leitura além de decifrar e interpretar mensagens atribui a uma atitude ativa e reflexiva diante do que lhe é posto. Sendo assim, na sala de aula deve – se dar continuidade à leitura prazerosa, promovendo o incentivo pelo gosto a leitura.

Com a leitura na sala de aula promovida e estimulada pelo educador, que explora os processos de leitura, faz com que ela fique prazerosa, contribuindo e compartilhado com a aprendizagem do educando.

Contudo, ao realizar a leitura o educador precisa respeitar as interferências do educando e garantir que de alguma forma ele “participe” do texto que está sendo lido.

Sendo assim afirma Solé (1998, p 116), a maior parte da compreensão ocorre durante a própria leitura do texto, que se configura com “um processo de emissão e verificação de previsões que levam à construção da compreensão”.

Após trabalhar a leitura de várias maneiras, não vimos e nem percebemos qualquer texto desde que seja agradável ao educando em diferentes situações.

Segundo Solé (1998) deixa evidente que ela deve ser partilhada e não dirigida. Enquanto nesta o professor dirige a leitura e expõe sua compreensão sobre o texto, naquela, há a transferência da responsabilidade e do controle da tarefa de leitura das mãos do professor para as mãos do aluno. Os leitores não devem se tornar “participantes passivos da leitura, isto é, alunos que respondam às perguntas” (Solé, 1998, p 120), sem se posicionarem e dialogarem com o professor e com o texto.

De tal modo, a aprendizagem da leitura se torna essencial para o ser humano na medida em que o tempo passa, tanto para sociedade quanto para o próprio

indivíduo, pois cada vez mais somos exigidos e também nos exigimos a ampliação do conhecimento.

Segundo Lopes(1999).

A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende, e através da aprendizagem, desenvolve comportamentos que o possibilitem viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem.

Porém, o processo de aprendizagem da leitura, embora muito necessário, é lento, e indispensável que haja o interesse do indivíduo, assim como afirma Lopes (1999). “Mas para que a aprendizagem realmente aconteça ela precisa ser significativa para o aluno, envolvendo – o como pessoa”. E para isso é importante à interação professor/aluno e uma instituição escolar acolhedora.

O processo de aprendizagem é constante e cada indivíduo tem seu próprio cronograma para a evolução da aquisição do conhecimento. Às vezes o indivíduo possui dificuldades cognitivas e neurológicas e precisa de uma metodologia específica e até diferenciada dos demais. Contudo, como afirma Freire, “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa, por isso aprendemos sempre”.

Pois a leitura se expressa como um constante processo dialógico muito mais amplo e abrangente do que a mera decodificação de um enunciado. Caso que vem ocorrendo em várias instituições educacionais.

Assim podemos ainda colocar a concepção “Bakhtiniana”, em que o cômico nos textos visuais e as figuras são exemplificados como suportes ideológicos no processo de aprendizagem (Bakhtin, 1997). Fazendo então, uma leitura dos textos analisados, resgatando os contextos, a história e a ideologia que se articulam no processo de produção e leitura de textos infantis.

Neste sentido, podemos considerar a leitura como um diálogo, na medida em que ela, através da linguagem, coloca o homem em contato e em confronto com outros homens, outras vozes.

Portanto, o educador não deve apenas foca em uma leitura dirigida, lendo e falando tudo que o educando tem que fazer, mas interagir e estimula – ló a cada vez mais se envolver com o texto, em um dialogo constante entre educador, educando e o texto em si. De tal modo ainda que o leve a refletir sobre o mundo que o rodeia.

Afinal, por difícil que pareça algo, se formos persistentes alcançaremos nossos objetivos sempre.

O importante para a escolha não é se a leitura é conhecida ou não, mas se ela contribui para fazer com que a criança encare com firmeza seus medos, vença suas angústias e principalmente desenvolva sua imaginação, conhecendo outros mundos, permitindo que ela tenha acesso à grande diversidade da herança cultural da humanidade.

[...] A base de conhecimento das artes e das humanidades é usada com demasiada frequência superficialmente e de um modo não inspirador nas salas de aulas, porque os professores acham que não estão superficialmente preparados ou “não são bons” em coisas relacionadas à arte, à música, e a literatura. [...] atividades que despertem nas crianças pequenos poderes para perceber, estudar e rerepresentar os mundos belos e organizados da natureza e da cultura que as cercam. [...] As crianças adquirem cedo um senso profundo de sua história de sua herança e de suas tradições culturais. Edwardis; Gondini, Formn1999,PP.55,56.

O estímulo à leitura não se resume a fazer com que os que os alunos leiam, mas que esses sejam um ato exercícios crítico. Na leitura de um texto o leitor necessita utilizar o conhecimento adquirido ao longo de sua vida, ou seja, o conhecimento de mundo, o linguístico e o textual, pois da soma desses diversos níveis de conhecimento resultará a construção do sentido do texto.

Em razão, entendemos que o ato de ler deve ser um ato completo, que envolva várias habilidades, pois só assim o leitor se transformará, como enfatiza Paulo Freire em um verdadeiro sujeito do ato de ler.

O domínio da leitura é uma experiência tão importante na vida da criança, que determina o modo como ela irá.

A leitura é uma atividade fundamental na vida do educando que é desenvolvida pela escola fazendo com que o educando passe a ter um olhar crítico com o mundo que o cerca, tornando da leitura uma das principais heranças que a escola pode lhe dar; fazendo com que o educando transforme seu olhar, passando a vera leitura como sua passagem para um mundo da imaginação. Segundo Lerner é:

[...] A leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas - que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “reapresentar” – ou “representar” – na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. (2002, p. 79 – 80).

O gosto pela leitura surgiu pela forma que o professor e a escola estimula o educando, se a escola promove projetos que tem como principal objetivo a leitura. Os professores adotam o projeto transformando a sala de aula em cantinho da leitura, trazendo histórias interessantes com livros coloridos, os alunos passam à ver a leitura como algo gostoso de se fazer e que leva a usar imaginação, passando por diversos mundos.

O professor tem que tornar esse momento em algo intenso, único, onde cada criança desenvolva sua imaginação, que seja prazerosa, não em um momento monótono e exaustivo. Assim como surgiu o pensamento de MarrySchafler (S 2)... Uma aula deve ser uma hora de mil descobertas. Para que isso aconteça, professor e aluno devem descobrir – se um ao outro. Não há mais professores. Apenas uma comunidade de aprendizes.

O grande problema em aprender a ler, não está na forma em que se lê, mais se essa leitura foi compreendida, se o aluno decifrou, entendeu e decodificou o que aquela história, pergunta ou a notícia quis transmitir.

Muitas vezes o que faz com que um aluno não consiga resolver simples questões de português é a falta de compreensão no que está sendo pedido pelo professor, ou seja, a metodologia aplicada pelo professor.

A escola tem por dever fazer com que os professores de todas as matérias pratiquem a leitura para que os alunos consigam interpretar o que se pede.

De acordo com que observamos a nossa volta, podemos ter diversas atitudes perante a leitura, pois é uma atividade profundamente individual, onde raramente duas pessoas terão a mesma opinião ao lerem um único texto.

Por isso é importante que a escola respeite a leitura de cada aluno, pois cada um lê de seu jeito, é fundamental que a escola incentive seus alunos a praticar a leitura; a escola que não lê para seus alunos torna – se uma escola fracassada e priva seus alunos do melhor que podem oferecer.

Afirma Ruth Rocha (1983, p.)

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de “mensagem”. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante,

porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – “É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre”.

Os estímulos e motivações para vivenciar atos de leitura ocorrem na medida em que a criança tem oportunidade de conhecer vários tipos de textos os quais despertará o

A criança influenciada à prática da leitura é capaz de ler bem e rapidamente, mas aquela que não é incentivada não terá o hábito de ler e necessitará esforçar – se mais para conciliar a velocidade e sua compreensão.

Quanto mais a criança for estimulada a experimentar a leitura, quanto mais ela puder exercitar a leitura, livremente, maior a possibilidade de desenvolver uma atitude positiva em relação a esse processo, construindo seu conhecimento sobre a leitura. Assim é importante ler muito para o aluno pois é através da leitura que gera grandes oportunidades para interagir e desenvolver o interesse pela prática da leitura.

Ajudar a criança a aprender a ler e escrever é deixá – la vivenciar as situações cotidianas de leitura e escrita. É, pois, criar na escola um espaço para que ela possa brincar, livremente, de ler e escrever: brincar de escolinha, ora fazendo o papel do aluno; escrever e ler espontaneamente suas histórias, seus textos, trocar ideias com seus colegas (BIZZOTO, AROEIRA E PORTO. 2010.p.68).

Portanto muito se tem discutido a respeito da recusa e da qualidade que se dá à leitura que os alunos fazem fora da escola Soares (2006) acredita que para entrar e viver esse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia(saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

Por esse motivo, deve – se possibilitar aos sujeitos a oportunidade de lerem de acordo com suas histórias de vida e seus conhecimentos de mundo, não restringindo a leitura a somente uma visão, assim como é visto, muitas vezes em sala de aula.

Afirma Soares:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar – se para atingir com os outros, para imergir no imaginário no estético, para ampliar conhecimento, para seduzir ou induzir, para diverti – se, para orientar – se,

para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar – se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mãos desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor[...]. (Soares, 2001, p. 92).

Sendo assim, a leitura e a compreensão de interativa possibilitam ao aluno seu amadurecimento como sujeito crítico, contribuindo na formação do indivíduo e transformando em algo novo e diferenciado.

Acredita – se, portanto, que a compreensão de leitura não é orientada apenas pelas marcas tem a dizer e pelo modo como o leitor aprende e interpreta.

3.1–TIPOS DE LEITORES

Segundo Santaella (2004), existem diversos tipos de leitores. Antes de entrarmos na explicação do perfil de cada um deles, é necessário entender que:

“O leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo”(SANTAELLA, 2004, p. 16).

Portanto como foi citado fora e além do livro há uma multiplicidade de leitores, o leitor de imagens, pinturas, jornais e entre outras; a uma diversidade de leitores que pode interpretar de formas diferentes cada tipo de leitura.

De acordo com a autora Lúcia Santaella discutiremos a modalidade classificatória e histórica ao mesmo tempo, percebendo que através dessa diversidade há três tipos de modelos de leitores que são:

Em primeiro vem o leitor contemplativo, meditativo da era pré - industrial, o leitor da era do livro impresso da imagem fixa. Esse tipo de leitor nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. Já o segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sógnicas, um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos. O terceiro tipo de leitor é aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade.

Antes de caracterizar cada tipo de leitor com mais detalhes é importante enfatizar que mesmo que haja uma sequência histórica do surgimento de cada um deles, isso não significa que um exclui o outro.

➤ O Leitor Contemplativo (Meditativo):

Esse primeiro tipo de leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e da tela; onde ele tem tudo em seu campo de visão, que pode ser lido e interpretado inúmeras vezes.

É um leitor que se desprende de aptidões singulares, ele não precisa do auxílio do outro, não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo, um leitor que contempla e medita.

Sua leitura é isolada, silenciosa e paulatina, pois depende apenas de si próprio a sequência de sua leitura. A responsabilidade pela sua própria leitura proporciona a ele a capacidade de ler e reler inúmeras vezes e da forma que melhor lhe agrada, sem restrições, sendo que “a leitura silenciosa criou a possibilidade de ler textos mais complexas”(Chartier, 1999, p. 24).

A intimidade que surge no ato da leitura entre o leitor e o livro mostra que ele transporta toda sua concentração, tornando esse momento único e privado, pois ele volta completamente sua concentração para essa prática, envolvendo movimentos complexos:

“Envolve não apenas a visão e percepção, mas inferência, julgamento, memória, reconhecimento, conhecimento, experiência e prática”. “(...) Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal” (MANGUEL, 1996, PP.49, 54).

A leitura é um processo contínuo, um processo de armazenamento, tudo que lermos hoje irá se adicionar com o que leremos amanhã e se complementarão formando um conhecimento amplo, e isso determinará o grau de compreensão e interpretação do leitor, permitindo que sua bagagem cultural torna – se mais diversificada.

➤ Como diz Manguel, 1996, p.33).

“Ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia – se no que o leitor leu antes”(MANGUEL, 1996,p.33).

O simples fato de o leitor possibilitar a dinâmica de conduzir o conteúdo de um livro e adicionar suas próprias conclusões consultando outros textos e a solidez de objeto livro permite aos leitores idas e vindas, retornos resignificações, permitindo com isso que o leitor contemple e medite a sua maneira.

➤ O Leitor Movente (Fragmentário)

Esse leitor surgiu em um cenário diferente vendo e reunindo diversas imagens e novas formas de ler; principalmente com o surgimento do jornal impresso que ligou a uma nova conduta social com a publicidade espalhada pela cidade, transformando sua visão e novas formas de ler, todavia nenhuma menor que a outra.

Com grande avanço da tecnologia, a introdução dos cinemas e invasão instantânea da televisão, foi – se destruindo um paradigma e surgindo um leitor com características do perfil anterior “contemplativo”, mas passa a ser também movente. Pois é um leitor que se transforma de acordo com o avanço do mundo.

Segundo Santaella,

É nesse ambiente que surgiu o nosso segundo leitor, aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinando nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidade desigual (Id. P.29).

O novo tipo de leitor tem desenvolvimentos inquestionáveis, pois tem capacidade de lidar com diferentes signos, além da velocidade e da intensa circulação de imagens nesse universo.

Aflexibilidade desse segundo leitor fez surgir caminhos para o mais recente leitor “o imersivo”, isto é, ele preparou a sensível perceptiva humana para o aparecimento do leitor imersivo.

➤ O Leitor Imersivo (Virtual)

Esse novo tipo de leitor nasce dentro de grandes centros urbanos, em meio à multiplicidade de imagens e ambientes virtuais de comunicação imediata convivendo com uma linguagem temporária e equipando - se de uma sensível inteligência cognitiva e instantânea.

De acordo com Santaella(2004), o receptor de uma hipermídia ou seu usuário coloca em ação mecanismos, ou melhor, habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso como o livro. Por

outro lado, são habilidades também distintas daquelas que são empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão.

Essas habilidades de leitor multimídia ainda mais se acentuam, quando a hipermídia migra do suporte CD – Rom para transitar “nas potencialmente infinitas infovias do ciberespaço”. (SANTAELLA-2004, p. 11)

Com o crescimento das redes de telecomunicações, principalmente a internet que liga todos os pontos do globo, o leitor imersivo (Virtual) surge com novas formas de conhecimento que com os atuais tipos de textos eletrônicos faz brotar outro a cada informação obtida; viajando por diversas dimensões, comparando e cruzando conteúdo e até construindo outros.

Dessa forma percebemos que não há diferença entre os três tipos de leitores, apenas habilidades que os diferenciam.

3.2 – TIPOS DE LEITURAS

Entende-se por leitura, que há toda uma manifestação linguística desenvolvida por uma pessoa que realiza e recupera um pensamento criado e colocado em forma de escrita por outra.

Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada ocorre através da leitura oral, que é feita por pessoas que dirige a leitura por meio de um texto; então daí ocorre a leitura ouvida onde é o primeiro contato que a criança tem com o imenso mundo da leitura, a criança que tem acesso a TV's e rádios desenvolve mais rápido seu aprendizado.

A leitura visual é conduzida por meio dos olhos permitindo que o cérebro produza uma leitura silenciosa e reflexiva.

Portanto:

A linguagem é adquirida tanto nos atos de fala em que a criança é um dos participantes, como na participação passiva, em que ela observa as falas dos adultos que estão no seu entorno. A apropriação da linguagem ocorre durante atos em que também “falam” os gestos, os olhares, a postura corporal, o corpo como um todo. BIZZOTO, AROEIRA E PORTO (2010 – p.56).

A leitura ouvida vista ou falada funciona juntas com o mesmo processo, quando uma criança começa ler suas primeiras palavras é preciso que ela ponha em

ação os mecanismos de decifração da escrita, passando por esse processo a criança consegue lê tudo que está escrito.

A criança não irá conseguir lê se não decifrar a escrita, pode ser até uma música que ela conhece, ou aquela que normalmente é cantada na sala de aula com toda turma, isso se percebe que para se realizar uma leitura fluente, com clareza e segurança é preciso identificar e decifrar a escrita.

Mas é natural que a criança ao começar o processo de leitura, ela se depare com essas dificuldades.

A leitura é fácil para quem já sabe, propriamente a leitura facilite ou dificulte, não levando em consideração com relação a dificuldade específica de decifrar propriamente a palavra.

O importante é que a criança consiga decifrar a escrita, para poder realizar a leitura e compreender seu significado; sendo que esta dificuldade de dominar as estratégias de decifração já vem com ela e na maioria das vezes a escola não leva em consideração essa dificuldade que é muito real e séria, que é a decifração da leitura.

A decifração da escrita é um processo que é fundamental para a leitura, por isso não é justo exigir da criança que aprenda a ler realizando atividades que só o leitor com uma certa habilidade possa desempenhar, pois cada criança precisa de um tempo para decifrar, que varia de acordo com cada uma.

Exige – se que o leitor com a realização da análise da escrita, leve isso até o cérebro, a fim de proceder à programação neurolinguística que proporcionará o funcionamento do mecanismo de produção da correspondente. Sendo assim, depois de todo esse processo ele poderá compreender o texto ou até mesmo interpretar oralmente.

Há pessoas que desenvolvem um tipo de leitura que consiste em “ler por alto”, esse tipo de leitura não tem significado e é impossível compreender e tornado mais dificultoso e problemático no sistema de alfabetização. Portanto esse tipo de leitura conduzirá o leitor a uma falsa interpretação.

E através disso que notamos como é fundamental que o professor estimule seus alunos a exercitar suas primeiras leituras em voz alta, “não uma leitura por alto”, pois além de permitir uma compreensão razoável do texto ainda faz com que o aluno pratique a oralidade perdendo a timidez que é natural dos alunos no início de sua jornada escolar como enfatiza Kleiman:

[...] As práticas mais comumente usadas em sala de aula são inibidoras do desenvolvimento da capacidade de compreensão. Uma dessas práticas é a leitura avaliação, em que se utiliza a leitura em voz alta para avaliar a capacidade de compreensão da criança. É preciso, no processo escolar, avaliar se o aluno está desenvolvendo adequadamente suas habilidades de leituras, mas para isso devemos saber exatamente o que vamos avaliar, e quais são as tarefas que se o aluno conseguir executar, nos permite dizer que esse aluno lê. (KLEIMAN, 2008, p.152).

3.3 – ESTRATÉGIAS DE LEITURAS

As estratégias de leitura devem ser um processo coletivo, com a participação do professor/aluno. Como foi citada no capítulo anterior, a leitura é essencial para o bom desenvolvimento individual e social do leitor, é pela leitura que podemos construir e reconstruir o conhecimento que servirão para a nossa formação enquanto sujeitos sociais.

Não se trata de negar ou desvalorizar os saberes e as experiências que cada um traz em função de suas formas de inserção e de seus vínculos culturais, mais de aguçar a curiosidade epistemológica que fala Paulo Freire (1996), de forma a superar a curiosidade indênea.

Desse modo acredito que a interpretação que se faz de um texto depende dos objetivos que se tem naquela leitura, assim é possível que diferentes leitores com finalidades diferentes possam construir sentidos diferentes ao lerem o conteúdo de um texto. O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que possa ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Portanto a leitura é essencial no Ensino Fundamental, espera – se, que os alunos cheguem nessa etapa conseguindo ler textos adequados para a idade certa com autonomia.

Segundo Cafiero:

“Ler é atribuir sentidos. E ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá – lo, de saber como usá – lo em sua vida. Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão” (2010, p.86).

Sendo assim, é correndo riscos que estão presentes na generalização, que é preciso convir que quando a leitura é considerada um objetivo de conhecimento, seu

tratamento na escola não é tão amplo como seria de se desejar, pois em muitas ocasiões a instrução explícita limita-se ao domínio das habilidades de codificação.

Para efetivar as boas vindas ao mundo letrado, “a escola”, é importante que o professor tenha uma relação favorável com a leitura. Se essas atividades fazem parte de sua vida como algo prazeroso, ele terá mais chance de trazer seus alunos para este universo, pois funcionará como modelo de referência para eles. Se isso ocorre ganha o professor e seus alunos.

Segundo Solé:

Aprender a ler requer que se ensine a ler. O modelo d do leitor oferecido pelo o professor e as atividades propostas para o ensino e a aprendizagem da leitura não são um luxo, mas necessidade (1998, p.173).

Com isso visamos que o grande segredo para a prática e o gosto pela leitura, está no incentivo que é oferecido pelo educador, quando ele oportuniza seus alunos a esse ato, tornando esse momento único e prazeroso, transformando em uma prática contínua.

Esta exposta nos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS que:

Um leitor competente só pode constituir – se mediante uma prática constante de leitura de texto de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabe ler convencionalmente (PCN – LP, 1997, p.54).

Portanto conceitualizar as situações do ensino e aprendizagem há um conjunto destinada a compartilhar o conhecimento que se aprende, dando uma série de estratégias que faz parte da bagagem do aluno na prática de leitura.

Segundo Solé (1998), o trabalho de ensino e aprendizagem da leitura contempla três fases: PRÉ – LEITURA, LEITURA e PÓS – LEITURA. A pré – leitura é caracterizada pelas atividades prévias desenvolvidas pelo professor de modo a levar o aluno a previsões sobre o texto que será lido. Além disso, um dos pontos principais da fase da pré – leitura e evidênciação do autor do texto, dos possíveis leitores do enunciado e do propósito pelo qual foi produzido.

A segunda fase da compreensão é a leitura, momento no qual “o aluno tem de projetar o seu conhecimento de mundo e a organização textual nos elementos sistêmicos do texto” (BRASIL, 1998). O docente, durante a leitura, deve agir como mediador, dando pistas para o aluno descobrir o vocábulo, fazendo o pensar e refletir sobre a posição da palavra dentro do texto enunciativo e não dando o

significado dos elementos em que haja reflexão. Após a leitura na qual o aluno emite seu ponto de vista sobre o texto, confirma ou reflita a ideia que teve no momento da pré – leitura.

No decorrer do desenvolvimento é preciso que os alunos compreendam e use as estratégias apontadas, assim as práticas de leitura devem estar orientadas pelo modo como seu professor conscientiza pra seu processo de alfabetização e que possa desenvolver à sua aprendizagem. Sendo assim, é importante propor situações em que os alunos possam desenvolver com rapidez sua própria leitura.

De acordo com: CASTANHEIRA, MACIEL, MARTINS (P.16):

O ato de ensinar a ler e a escrever mais do que possibilita o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais e políticas. Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e o domínio do que vai ensinar (CASTANHEIRA, MACIEL, MARTINS P.16).

Entende – se que o professor compartilha com as crianças leituras de diversos gêneros e diferentes tipos, como de jornais, revistas e livros, desde que a leitura se torne interessante e estimuladora pra sua prática, pois o educador é um modelo de leitor pra seu aluno.

Conforme Vigotsky:

As situações de leitura compartilhada ajudam as crianças a desenvolver conhecimentos sobre a escrita, estratégias de leitura que serão mobilizadas nas situações de leitura autônoma, ou seja, aquela em que ela precisam ler sem ajuda. Este pressuposto é colaborado pelas ideias definidas por Vigotsky (1989, 1994) de que aprendemos na interação, ou seja, as apropriações.

Quando realizamos uma leitura, utilizamos estratégias para que essa leitura seja rápida e compreendida, então é importante que o professor proponha situações em que os alunos possam desenvolvê-las.

Uma das estratégias é a de seleção que é através de uma leitura inconsciente, em que não é preciso lê todas as letras de todas as palavras para que possa compreender o sentido do texto.

A estratégia de antecipação é aquela em que fazemos uma previsão do que vai ser lido e com informações expostas no próprio texto possamos supor mais ou menos o que quer ser passado. Com alguns conhecimentos sobre o texto como seu gênero textual, onde se encontra – se em livros, jornais ou revistas, quem é o autor,

permite que antecipe do que se trata o mesmo, facilitando a leitura e a compreensão.

Com essa antecipação, fazemos até algumas mudanças sobre o conteúdo lido, que faz surgir a estratégia de inferência que baseia – se dessas informações e possíveis suposições.

Já a estratégia de verificação se consolida em poucas palavras, que afirma ou não as suposições levantadas sobre o conteúdo do texto, considerado as antecipações e as inferências feitas durante o processo de leitura.

Como afirma Solé (1998, p.71):

Das estratégias que o leitor utiliza para intensificar a compreensão e a lembrança do que lê, assim como para detectar e compensar os possíveis erros ou falhas de compreensão. Estas estratégias são as responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto e, pelo fato de o leitor ser consciente do que entende e do que não entende, para poder resolver o problema com o qual se depara (SOLÉ, 1998, p.71).

Ao compartilhar uma leitura com o aluno é importante que o professor, explique o motivo da leitura, se o que se fala no texto é divertido, ou é apenas informativo, se é uma história emocionante com um final feliz talvez.

Desenvolva estratégias para auxiliar na compreensão e no sentido do texto, evitando paradas para explicar palavras consideradas difíceis.

Mostrar entusiasmo com a leitura realizada e reler as partes mais interessantes e trechos que não foram compreendidos.

Falar e ouvir as opiniões sobre o texto, fazer pequenas pausas na leitura para a criança imaginar, fazendo antecipações e inferências sobre o texto, tentando descobrir o que vai acontecer.

Por isso a leitura compartilhada também tem sido uma das estratégias mais eficiente para favorecer esse processo, para aproximar os alunos do mundo letrado, mesmo quando ainda não sabem ler. A leitura contribui para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo por outras leituras, exercitar a fantasia e a imaginação.

3.4 – AS PRÁTICAS DE LEITURAS NA SALA DE AULA

Na prática de leitura na sala de aula é importante que o professor proporcione a seus alunos situações que estimule – os, que cada atividade desenvolvida, o aluno aprenda e cada vez sinta mais vontade de lê.

Mas para isso o professor terá que usufruir muito da sua criatividade e também de seus alunos, usando diversos gêneros textuais e diferentes formas de lê cada um deles.

É por meio dos gêneros textuais discursivos que as práticas de leitura incorporam – se nas atividades do aluno, proporcionado seu desenvolvimento no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio.

Portanto cabe a cada professor criar condições que seus alunos possam apropriar – se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real.

As atividades de leitura devem ser planejadas de acordo com a sua função social e seus propósitos comunicativos. Com tudo isso contribui na formação de seus alunos, transformando – os em cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Os gêneros textuais são rotinas sociais de nosso dia – a – dia, é por isso que eles proliferaram para dar conta das variedades de atividades desenvolvidas de maneiras dinâmicas.

O gênero é fundamental na escola, visto que, segundo Schneuwly e Dolz (2004:1), é ele que é utilizado como meio de atribuição entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. No afã de favorecer a aprendizagem da escrita de textos, a escola sempre trabalhou com gêneros, mas restringe seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos. É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que alunos e professores se preocupem mais com a forma do texto do que com sua função e, conseqüentemente, o texto seja visto como um formulário preenchido (para leitura) ou a preencher (para escrita) (BEZERRA, 2002, P.41).

Existem vários gêneros textuais como poesia, romance, verbete de dicionário, lenda, fábula, cordel, adivinha, piada, letra de música, mapas e entre outros; então com essa diversidade é possível desenvolver inúmeras formas de se trabalhar cada um deles. Como contar as histórias de literatura infantil, através de dramatização com ajuda dos alunos, com fantoches que normalmente prende muito a atenção dos alunos.

Também existem outras formas de incentivar a leitura com a organização do ambiente escolar, produzindo cantinhos de leitura, com inúmeros livros de vários gêneros textuais.

Algumas sugestões de práticas de leitura desenvolvidas na sala de aula.

Contação de história (leitura feita pelo professor)

O professor escolhe um livro que possui ilustrações para chamar atenção dos alunos.

Ele deve iniciar com a leitura do título da história mostrando a capa do livro.

Sempre que ler um trecho da história, mostrar as ilustrações. Assim o professor vai despertando o interesse do aluno a leitura.

Após a leitura o professor fará perguntas para os alunos sobre a história, se eles gostaram? Com isso os alunos vão interagindo e aprofundando na história e fazendo uma rápida interpretação da mesma.

Explorando a biblioteca escolar

O professor que aproveita o espaço da biblioteca da escola, consegue promover aos alunos um momento muito prazeroso.

Ao chegar à biblioteca o professor deve selecionar livros da faixa etária de seus alunos e peça que cada um escolha um livro para ler; em seguida faça uma roda de conversa para que cada um faça comentários sobre as histórias lidas.

Depois desse momento, organizem os livros, e ao chegarem na sala de aula o professor faça perguntas sobre o momento na biblioteca, vendo os pontos positivos e negativos e também pode promover atividades correspondentes as histórias lidas.

Diferentes espaços de leitura na sala de aula.

É importante que o professor crie espaços de leitura na sala de aula, mas também é importante que estes espaços sejam aconchegantes, com tapetes, almofadas para que as crianças fiquem a vontade que esse momento prazeroso; com uma diversidade de livros e de diferentes gêneros textuais.

Podem ser criados vários cantinhos de gêneros textuais diferentes como: CANTINHO LITERÁRIO, CANTINHO DO GIBI, DO JORNAL, DE PARLENDAS, DE RECEITAS, DA INFORMAÇÃO, DE CANTIGAS DE RODAS, entre outras.

3.5 – DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Existem fatores que prejudicam o andamento da aprendizagem, que podem ser tanto pedagógicas, familiares ou fisiológicos.

Aprendizagem é um processo de intensa mudança, onde os conhecimentos adquiridos estão em constante transformação de construção e reconstrução, desenvolvendo habilidades que utilizem acordo com suas necessidades.

Como já foi citado um dos fatores que pode prejudicar a aprendizagem é o pedagógico que pode envolvendo todo o conjunto escolar.

O PPP (Projeto Político Pedagógico), que deve ser desenvolvido por todos os funcionários; ou a simples metodologia utilizada pelo professor; a estrutura familiar também pode influenciar o processo de aprendizagem, como família onde os pais são separados ou que não incentiva o aluno em sua jornada escolar.

Os fatores fisiológicos podem ser um dos que mais prejudica, pois eles fazem com que esse processo seja lento e cansativo, onde o professor, a escola e a família devem trabalhar juntos para detectar o tipo de déficit cognitivo que causa essas dificuldades de aprendizagem, como tratar e saber lidar com elas.

De acordo com Carraher:

“Uma criança sadia, ao ingressar na escola, já sabe falar, compreender explicações, reconhecer objetos e formas desenhadas e é capaz de razão para que ela não aprenda também a ler”. (2002, p.7).

Os principais problemas que podem prejudicar o processo de aprendizagem da leitura são:

- *Dislalia;
- *Disglosias;
- *Atraso da fala
- *Disfemia;
- *Afasia;
- *Disfasia;
- *Dislexia

➤ A Dislalia (do grego dys + lalia) é um distúrbio da fala, por se caracterizar de um transtorno de articulação dos sons, fundamentalmente na má pronúncia das palavras, que acontece com a omissão ou acréscimo de fonemas, troca ou até ainda o distorcer das ordens.

Esse distúrbio tem uma alta incidência na população escolar e pode ser rapidamente detectado.

➤ Disglosia, que também é conhecida de “dislalias orgânicas” é caracterizada por uma dificuldade na produção oral ocasionada por alterações

anatômicas e ou/ dos órgãos envolvidos na fala e cuja seja de origem periférica, não relacionada diretamente com alterações neuropsicológicas. Perelló (1977), baseando – se na divisão anatômica dos órgãos periféricos, distingue os seguintes tipos disglorias: labiais, mandibulares, linguais, palatinas e nasais. O lábio leporino e sua fissura palatina ou o palato ogival são algumas das alterações anatômicas que podem acarretar a disgloria. Requerem não só intervenção cirúrgica, como também logopedica.

➤ O Atraso da fala são dificuldades que alguns indivíduos tem em seu sistema fonológico, que ajusta seu desenvolvimento morfossintático e semântico ao esperar para sua idade.

Por sua vez o atraso de linguagem são dificuldades globais da linguagem.

➤ A Disfemia, mais conhecida como gagueira são perturbações intermitentes na emissão das palavras, que normalmente surgem entre os 2 e os 7 anos de idade; sem que haja alterações dos órgãos da expressão, e que se caracteriza por interrupções no ritmo e na melodia do discurso.

➤ Afasia é a perda da capacidade e das habilidades de linguagem falada e escrita; que pode ser causada por traumas consequentemente de um acidente vascular cerebral, ou por infecções e manifestações degenerativas em áreas específicas.

Existem 3 tipos de afasia, como:

Afasia de Broca é caracterizada pela grande dificuldade em falar, mas essa dificuldade não compromete a compreensão da linguagem. Essa síndrome é dita como afasia não fluente, de expressão ou motora, os pacientes executam normalmente a leitura silenciosa, mas a escrita é comprometida; eles têm consciência do seu déficit e se deprimem com facilidade (frustração).

➤ Afasia de Wernick tem por característica a dificuldade na compreensão da linguagem, a fala é fluente e faz pouco sentido. Essa síndrome é também denominada afasia fluente, de recepção ou sensorial. Esses pacientes com essa afasia são diferentes dos que tem a afasia de Broca, porque eles começam falar espontaneamente, embora de modo vago, fugindo completamente do objetivo da conversa.

Podendo surgir parafasias que diziam a substituição de uma palavra por outra, por exemplo, chamar uma colher de garfo (parafasia literal), ou um som substituindo outra, como chamar uma colher de mulher (parafasia verbal), normalmente não

apresenta fraqueza associada e eles não se dão conta de seu déficit e a sua recuperação é mais difícil.

➤ Afasia Global é a perda total das capacidades de linguagem: compreensão, fala, leitura e escrita; que na maioria das vezes é causada por um infarto completo no território da artéria cerebral média esquerda, por causa disso apresentam hemiplegia direta (perda total de força no lado direito do corpo), além de demência associada.

➤ Disfasia (Disfasia/audiomudez), também chamada de afasia congênita ou de desenvolvimento, trata – se de transtornos raros da evolução da linguagem. Onde apresenta – se em crianças um transtorno da interação da linguagem sem insuficiência sensorial ou fona tória; que podem mesmo com dificuldade, comunicar – se verbalmente e cujo nível mental é considerado normal.

➤ Dislexia (da contração das palavras gregas dis = difícil, prejudicada, e lexis = palavra) caracteriza – se por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. É um distúrbio que em geral é detectado no início do período de alfabetização da criança em processo de leituras de textos. No momento da soletração das palavras onde tem bastante dificuldade e sem sucesso.

Diante de pais e professores especialistas a dislexia pode ser detectada precocemente, pois a criança desde pequena já demonstra características que denunciam suas dificuldades, tais como:

*Demora em aprender a segurar a colher para comer sozinha, a fazer laço no cadarço do sapato, pegar e chutar bola;

*Atraso na locomoção;

*Atraso na aquisição da linguagem;

*Dificuldade na aprendizagem das letras;

*Dificuldade com memória de curto prazo e com organização;

*Confusão entre direita e esquerda;

Entre outras.

Tipos de Dislexias

Segundo CIASCA, CAPEZZINI e TONOLOTTO(2008)com base nos dados de BORDER (1973), apud PINHEIRO (1994), existem três tipos de dislexia:

1-Dislexia Disfonética ou Fonologia: caracterizada por uma dificuldade na leitura oral de palavras pouco familiares. A dificuldade encontra – se na conversão letra – som. Normalmente associada a uma disfunção do lóbulo temporal.

2-Dislexia Diseidética: é uma dificuldade na leitura caracterizada por um problema de ordem visual, ou seja, o processo visual é deficiente. Para ELLIS (1995), este leitor, lê por meio de um processo extremamente elaborado de análise e síntese fonética que está associada a disfunções do lóbulo occipital.

3-Dislexia Mista: caracterizada por leitores que apresentam problemas dos dois subtipos disfonéticos e diseidéticos, sendo associadas às disfunções dos lobos pré – frontal, frontal, occipital e temporal (CIASCA, 2000).

Diante dessas definições sobre cada transtorno que dificulta a aprendizagem, enfatiza – se a importância da participação entre a escola, família e educador para que o aluno possa enfrentar as dificuldades que irão surgir.

Precisa – se do trabalho em conjunto, pois a criança no início do processo de aprendizagem necessita de um incentivo contínuo para que essas dificuldades que podem ser causadas por déficit cognitivo sejam solucionadas e extintas.

A variação de métodos utilizados na sala de aula irá auxiliar o educador a perceber o que causa essas dificuldades, e como trabalhar de acordo com cada uma delas; não deixando que a criança se desestimule por sentir dificuldade em realizar uma leitura.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar o presente trabalho, foi através de observações que obtive no meu estágio III do Ensino Fundamental I, que foi realizado na Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, Alagoinha – PB.

O Qual me despertou o interesse da minha pesquisa, através da metodologia aplicada pela professora, a confiança que transmitia aos seus alunos, e como lidava com as crianças que possuía algum tipo de déficitscognitivo.

4.1 – ESCOLA CAMPO NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHA – PB: IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.

O município de Alagoinha está localizado na região do Agreste Paraibano, situando – se de forma mais precisa na Microrregião de Guarabira, a mesma tem a distância de 84 km da capital João Pessoa. Alagoinha limita – se com as cidades de: Cuitegí, Alagoa Grande, Mulungu, Guarabira, Pilões e Areia.

De acordo com o último levantamento populacional do IBGE (censo 2010), a população de Alagoinha é de 13.577 habitantes, na qual 4.544 vivem no campo.

No setor educacional dispõe de 140professores distribuídos em 13 escolas municipais, na qual 09 situam – se no campo.

Existe ainda no município 01 escola estadual e 02 particulares. A rede municipal tem 2.800 alunos matriculados no ano letivo de 2014. Como fonte de pesquisa, os alunos dispõem de 01 tele centro, e de várias minibiblioteca nas próprias escolas. Convênios firmados entre o Estado e a Prefeitura, garantem transportes grátis para os alunos da zona rural.

Informo que a pesquisa foi realizada na Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, localizada a Rua José Jacinto do Nascimento, no conjunto Clócio Beltrão, na cidade de Alagoinha – PB.

4.2 – CARACTERIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA MUNICIPAL CARLOS MARTINS BELTRÃO

A Escola Municipal Carlos Martins Beltrão localizada a Rua José Jacinto do Nascimento, no conjunto Clócio Beltrão, na cidade de Alagoinha – PB.

A mesma instalou – se no endereço a cima, dando início às atividades do ano letivo em 2014, pois construído um novo prédio com espaço amplo, e agradável, trazendo melhoria para todos que nela estudam e trabalham.

Sendo assim, a estrutura física da escola segue da seguinte forma, 312 alunos distribuídos entre as séries do infantil III ao quinto ano, agentes administrativos que trabalham na secretária da escola, e 06 banheiros para os alunos, sendo 03 masculinos e 03 femininos.

Há uma total harmonia entre a estrutura física e os aspectos pedagógicos utilizados pela instituição e professores devido à mudança ocorrida.

Administração da instituição é feita de forma bem organizada com a interação da direção, supervisores, professores e demais profissionais que auxiliam no âmbito escolar.

A mesa é representada pela gestora, Rosa Apolinária de Meireles Silva, que possui formação no nível superior em pedagogia e Especialização em Psicologia.

O quadro de funcionários é formado por 24 funcionários, sendo 12 professores, 05 auxiliares, 01 diretor, 01 vice – diretor, 02 porteiros e 03 agentes administrativos.

Assim como a gestora 10 educadores já são formados e com especialização e 02 ainda tem o antigo pedagógico. São ótimos profissionais que se empenham na construção de uma melhor educação, superando as dificuldades do dia – a – dia com ajuda de ótimos matérias enviados pelo MEC.

A escola possui seu projeto político pedagógico – PPP, elaborado de acordo com a realidade de sua comunidade, sendo assim com os parâmetros necessários.

4.3 – PROCEDIMENTOS

Minha pesquisa de campo foi na Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, na mesma onde foi realizado meu 3º estágio.

A pesquisa foi realizada no dia 21 de Julho, onde fui até a escola citada acima, conversei com a gestora escolar pedindo permissão se poderia deixar o questionário para os professores das séries iniciais (2º e 4º anos) para favorecer no meu trabalho de conclusão de curso. A gestora me acolheu muito bem e me acompanhou até as salas das professoras, expliquei o motivo da minha ida, onde cada uma delas compreendeu e com prazer aceitaram responder meu questionário.

Para obter as seguintes informações sobre o tema: PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA. A pesquisa foi aplicada com 02 professores das séries iniciais, que foi através de perguntas objetivas e diretas.

4.4 – ANÁLISES DE DADOS

Através de um termo de consentimento, consegui relacionar um questionamento de acordo com as teorias estudadas. Para relacionar as questões ao tema: PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA irá sequenciar da seguinte forma: P1-para profissional 1 e P2-para profissional 2.

Segue abaixo as questões e as respostas que foram obtidas.

1-Que forma você estimula para que seus alunos tenham o hábito da leitura?

P1-Incentivo a ler pequenos textos, revistas, gibis, jornais e literatura infantil, procurando estimular que a prática de leitura traz conhecimento e desenvolvimento intelectual. Também mostrando a realidade do dia – a – dia, pedindo aos mesmos que tomem gosto pela leitura, conscientizando – os para que o hábito da leitura seja prazerosa e não simplesmente como dever ou obrigação, pois através da leitura eles estão inovando sempre, podendo alcançar seus objetivos.

P2- Através do cantinho da leitura, textos xerocados, produção de textos, mostrando sempre que através da leitura eles aprendem mais, escrevem melhor e falam melhor, pois tudo depende da leitura e é, por meio da mesma que se pode ter um futuro brilhante.

Através das respostas obtidas podemos observar que tanto o profissional P1 quanto P2, influencia seus alunos em vários métodos pedagógicos, conscientizando a importância do gosto pela leitura.

Quais são os tipos de leituras que você aplica na sala de aula?

P1- Textos expositivos, leitura oral, individual e coletiva.

P2- Os tipos de leitura são: leitura silenciosa, oral, individual e coletiva.

Mediante de suas respostas, os tipos de leituras aplicadas pelos educadores aos seus educando , são bem parecidas. Mas acredito que suas metodologias são diferenciadas, pois cada educador tem maneiras de avaliar seus próprios educando.

Quais são as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à leitura?

P1- Na maioria das vezes alguns alunos apresentam dificuldades com relação à pontuação expressiva e sentem dificuldades com a interpretação de textos e também falta de interesse do próprio aluno.

P2- Alguns sentem dificuldades quanto à pontuação expressiva, trocam sons de letras dificultando a leitura correta.

Suas dificuldades apresentadas são comuns, pois todos falam em relação à pontuação expressiva e trocas de sons de letras dificultando seu desenvolvimento cognitivo.

Seus alunos compreendem o que lê, eles entendem em relação à leitura?

P1- A maioria sim. Outros não compreendem devido à falta de entendimentos com os sinais de pontuação e a falta de hábito a leitura.

P2- Sim. Alguns alunos compreendem outros não compreendem por falta de interesse de se próprio.

Esse argumento é muito importante, pois cada educador consegue acompanhar a aprendizagem do seu educando.

Como lidar com os alunos que tem dificuldades de aprendizagem?

P1- Encontrar uma metodologia mais fácil que desperte no aluno o gosto pela leitura e valorizando os mesmos, mostrando que eles são capazes de aprender. Quando eles se sentem valorizados com certeza eles se desenvolvem melhor intelectualmente e psicologicamente.

P2- É difícil, mas através da equipe pedagógica do município procuro encontrar métodos para sonar essa dificuldade.

Muito bom a explanação dos educadores. Pois cada um tem a obrigação de procurar metodologias adequadas para seus educando.

Qual o papel da família e da escola frente às dificuldades de aprendizagem?

P1- A família e a escola têm que saber que a educação é primordial na vida da criança, e daí as duas andaram de mãos dadas, pois o educador só faz um bom trabalho com essa união “família e escola”. Acontecendo essa parceria, com certeza o educando terá uma boa aprendizagem.

P2- O papel da família é está sempre presente, lado a lado com a escola para que juntos possamos realizar um bom trabalho proveitoso diante das dificuldades encontradas.

Concordo e é muito importante que a família participe da vida escolar de seu filho, pois com ajuda da mesma, a aprendizagem da criança se desenvolve mais rápido.

5- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa realizada na Escola Municipal Carlos Martins Beltrão, foram obtidos bons resultados a partir das discussões e observações, na qual buscamos conhecer as práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula pelos educadores e conseqüentemente suas metodologias.

Mediantes as respostas, cada educador tem maneiras diferentes de avaliar seu educando, percebemos a grande variedade de metodologia utilizada na sala de aula e sua importância para alcançar os objetivos através da leitura.

De acordo com as indagações feitas eles alegam que a educação deve ser contínua devido a grande busca de conhecimentos que leva – o a melhorar e aperfeiçoar a prática pedagógica.

Também acreditamos que a família é à base de tudo, a família e a escola juntas podem fazer a diferença e com isso facilita o trabalho do educador favorecendo para o desenvolvimento do educando, tornando um estudo prazeroso e significativo.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo monográfico privilegiamos as discussões abordadas aos entrevistados, professores da Escola Municipal Carlos Martins Beltrão. Portanto ao longo do desenvolvimento desta pesquisa fica evidente a importância da conscientização da prática pedagógica usada na sala de aula.

Refletiu – se também a necessidade que tem dentro do universo escolar em saber que o educador tem o papel de preparar e transformar o educando em um leitor consciente.

Portanto é indispensável à motivação do educador para com seus educando, onde a mesma irá despertar o gosto pela leitura e também a participação frequente nas aulas.

Em relação ao questionário realizado com os educadores das séries iniciais (2º e 4º) sobre o estudo desenvolvido na prática de leitura na sala de aula, trouxe a este trabalho, como é importante o envolvimento do educador com seus educando e a importância de trabalhar metodologias diferenciadas para suprir as necessidades do indivíduo em seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 1ª Ed. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

CIASCA, Sylvia Maria (org). Distúrbio de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COLL<, César; MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús (org). Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Trad. Fátima Murad – 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004 – 3v.

MACIEL, Francisca I. P; LÚCIO, Iara S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, MARRIA I.; MACIEL, Francisca I. P.; MARTNS, Raquel M. F. (Orgs). Alfabetização e letramento na sala de aula. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009 (Coleção Alfabetização e Letramento na sala de aula).

BIZZOTTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. Alfabetização Linguística da teoria à prática. 1ª Ed. Belo Horizonte: dimensão, 2010.

SOUZA, Renata Junqueira (Org). Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campina, SP: Mercado de letras, 2009.

KLEIMAN, Angela. Leitura: ensino e pesquisa. Campina, SP: Pontes Editores, 3ª Ed – 2008.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura; trad. Cláudia Schilling – 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 3ª Ed. Ver. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Disponível em: [WWW.abcdasaude.com.br/ neurologia/afasia#ixzz38uv56](http://WWW.abcdasaude.com.br/neurologia/afasia#ixzz38uv56) e E3 (c) copyright 2001-2014-ABCdasaúde Informações Médicas LTDA. Acessado em: 24-07-2014.

Disponível em: [WWW.ufba2011.com/ a-leitura-fora-do-livro](http://WWW.ufba2011.com/a-leitura-fora-do-livro). Acessado em: 20-07-2014.

ANEXO



Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Centro de Humanidades
Departamento de pedagogia
Licenciatura em pedagogia PARFOR
Disciplina: TCC (trabalho de conclusão de curso)
Professorando: Luziana Salustiano de Araújo Santos

Pesquisa de campo

Por razão ao término do curso de Pedagogia (PARFOR) que faço à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB venho através deste questionário, realizar minha pesquisa de campo com parte integrada do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), tendo o mesmo por tema: Prática de leitura na sala de aula. Sua participação será uma honra para minha realização neste trabalho.

Grata, Luziana

➤ **Questionário**

- 1 – Que forma você estimula para que seus alunos tenham o hábito da leitura?
- 2 – Quais são os tipos de leituras que você aplica na sala de aula?
- 3– Quais são as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à leitura?
- 4 - Seus alunos compreendem o que lê, eles entendem os textos?
- 5 – Como lidar com os alunos que tem dificuldade de aprendizagem?
- 6 – Qual o papel da família e da escola frente às dificuldades de aprendizagem?